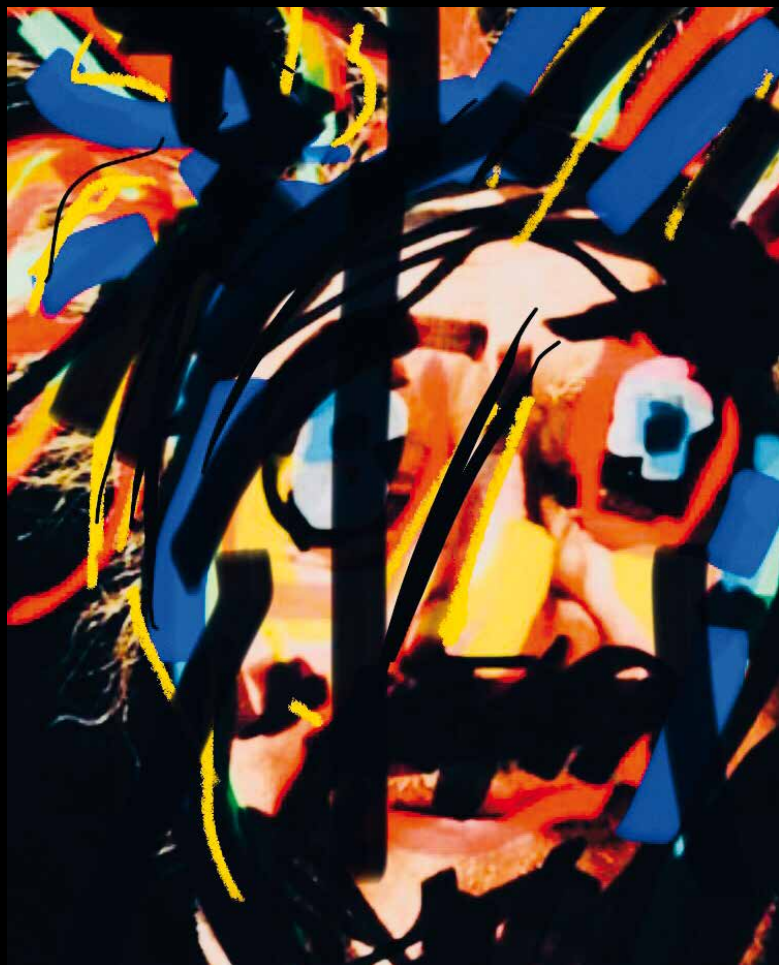

TENDO EM LINHA DE CONTO OS TEMPOS ATUAIS

JEAN-LUC GODARD – OBRA PLÁSTICA



EXPOSIÇÃO EXHIBITION

A exposição é organizada pela Fundação de Serralves, com curadoria do Coletivo Ô Contraire! (Fabrice Aragno, Jean-Paul Battaglia, Nicole Brenez e Paul Grivas), direção de António Preto e coordenação de Carla Almeida. Conservação e restauro de Inês Mendes. Programação de cinema de Pedro Crispim.

This exhibition is organized by the Serralves Foundation, curated by Collectif Ô Contraire! (Fabrice Aragno, Jean-Paul Battaglia, Nicole Brenez and Paul Grivas), directed by António Preto and coordinated by Carla Almeida. Conservation and restoration by Inês Mendes. Film programme by Pedro Crispim.

AGRADECIMENTOS ACKNOWLEDGEMENTS

Agnès Vouland Rosset, Alain Bergala, Anna Katharina Scheidegger, Anna Kamp, Anne-Marie Miéville, Anne Marquez, Anne Rosset, Bernardo Pinto de Almeida, Bibliothèque Littéraire Jacques Doucet - Chancellerie des Universités de Paris (Julien Donadille, Cécile Capot, Roxane Blanc), Camille Virolleaud, Colin Legras, Christophe Morin, David Faroult, Dominique Païni, Elisabeth Perceval, Fabrice Aragno, família Morin, família Oliveira (Manuel Casimiro de Oliveira), Frédéric Papon, Gaël Teicher, Gérard Lefort, Hanna Schwartz, Henri Traforetti, Instituto Francês (Dominique Depriester, Giusi Tinella), Jean-Paul Battaglia, Jean Paul Civeyrac, Jérôme Bel, Laura Benson, Laurent Schwartz, Leonor Silveira, Michel Dixmier, Michèle Tatu, Morgan Eschler (Grasset), Myriem Roussel Boisrond, Nicolas Klotz, Nicole Brenez, Pascale Cassagnau, Patrick Jeanneret, Paul Grivas, Sylvain Amic, Véronique Godard, Vibeke Madsen (P.O.L).

PUBLICAÇÃO PUBLICATION

A acompanhar a exposição, a Fundação de Serralves - Casa do Cinema Manoel de Oliveira editou um catálogo bilingue (português/ inglês) que, além da reprodução de um vasto conjunto de obras inéditas de Jean-Luc Godard, compreende uma extensa introdução assinada pelos curadores da exposição, ensaios originais de Alain Bergala, Anne Marquez, David Faroult, Dominique Païni, Frédéric Papon, Jean Paul Civeyrac e Pascale Cassagnau, duas entrevistas de Paul Grivas, com Anne Rosset e Gérard Lefort, bem como a reedição de uma entrevista de Manoel de Oliveira com Jean-Luc Godard para o jornal *Libération*, além de outros escritos dos dois realizadores.

To accompany the exhibition, the Serralves Foundation - Casa do Cinema Manoel de Oliveira has published a bilingual book (Portuguese/ English) which, in addition to reproducing a vast collection of unpublished works by Jean-Luc Godard, includes an extensive introduction by the exhibition's curators, original essays by Alain Bergala, Anne Marquez, David Faroult, Dominique Païni, Frédéric Papon, Jean Paul Civeyrac and Pascale Cassagnau, two dialogues by Paul Grivas, with Anne Rosset and Gérard Lefort, as well as a reprint of an interview by Manoel de Oliveira with Jean-Luc Godard for the newspaper *Libération*, and other writings by the two directors.

VISITAS ORIENTADAS GUIDED VISITS

Casa do Cinema Manoel de Oliveira

12 JAN | DOM SUN | 12:00 12PM

Nicole Benez

16 MAR | DOM SUN | 12:00 12PM

Antônio Preto

17 MAI MAY | SÁB SAT | 12:00 12PM

Bernardo Pinto de Almeida

CONFERÊNCIAS CONFERENCES

Auditório da Auditorium of Casa do Cinema Manoel de Oliveira

13 NOV | QUA WED | 17:00 5PM

Fabrice Aragno e and Paul Grivas, co-curadores da exposição co-curators of the exhibition, e and Antônio Preto, diretor da director of Casa do Cinema Manoel de Oliveira

11 JAN | SÁB SAT | 17:00 5PM

Nicole Benez, co-curadora da exposição co-curator of the exhibition

19 FEV FEB | QUA WED | 18:30 6:30PM

Alain Bergala, cineasta e crítico de cinema filmmaker and film critic

26 MAR | QUA WED | 18:30 6:30PM

Dominique Païni, curador curator

9 ABR APR | QUA WED | 18:30 6:30PM

Pascale Cassagnau, historiadora de arte art historian

17 MAI MAY | SÁB SAT | 17:00 5PM

Bernardo Pinto de Almeida, poeta e ensaísta poet and essayist

PROGRAMAÇÃO PARALELA PARALLEL PROGRAMME

Auditório de Auditorium of Serralves

7 DEZ DEC | SÁB SAT | 17:00 5PM

JÉRÔME BEL | 2021 | 120'

Leitura e performance, da autoria de Reading and performance by Jérôme Bel, com with Leonor Silveira

LANÇAMENTO DO CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO EXHIBITION CATALOGUE RELEASE

14 DEZ DEC | SÁB SAT | 17:00 5PM

PROGRAMAÇÃO DE CINEMA FILM PROGRAMME

Auditório da Auditorium of Casa do Cinema Manoel de Oliveira

13 NOV | QUA WED | 17:00 5PM

EXPOSÉ DU FILM ANNONCE DU FILM SCÉNARIO

Jean-Luc Godard, Fabrice Aragno e and Jean-Paul Battaglia | FRA, JPN | 2024 | 36'

SCÉNARIOS

Jean-Luc Godard, Fabrice Aragno e and Jean-Paul Battaglia | FRA, JPN | 2024 | 18'

24 NOV | DOM SUN | 17:00 5PM

FILM CATASTROPHE

Paul Grivas | FRA | 2018 | 55'

L'INCOMPARABLE DU PAS COMPARABLE

Paul Grivas | FRA | 2019 | 8'

FILM ANNONCE DU FILM 'DRÔLES DE GUERRES' (1ER TOURNAGE)

Jean-Luc Godard | FRA, SUI | 2023 | 20'

1 DEZ DEC | DOM SUN | 17:00 5PM

UNE BONNE À TOUT FAIRE

Jean-Luc Godard | FRA | 1981 | 8'

COUPLE REPRÉSENTÉ EN MARS ET VÉNUS

Anne-Marie Miéville | FRA | 1990 | 2'

CE QUE JE N'AI PAS SU TE DIRE

Anne-Marie Miéville | FRA | 2008 | 2'

DANS LE TEMPS

Anne-Marie Miéville | FRA | 2008 | 4'

SOUVENIR D'UTOPIE

Anne-Marie Miéville | FRA | 2006 | 6'

REPORTAGE AMATEUR (MAQUETTE EXPO)

Jean-Luc Godard e and Anne-Marie Miéville | FRA | 2006 | 47'

8 DEZ DEC | DOM SUN | 17:00 5PM

L'ORIGINE DU XXI^e SIÈCLE

Jean-Luc Godard | FRA, SUI | 2000 | 13'

DANS LE NOIR DU TEMPS

Jean-Luc Godard | FRA, SUI | 2002 | 10'

ADIEU AU LANGAGE

Jean-Luc Godard | FRA, SUI | 2014 | 69'

3DÉSASTRES

Jean-Luc Godard | FRA, POR | 2012 | 17'

15 DEZ DEC | DOM SUN | 17:00 5PM

JLG/JLG

Jean-Luc Godard | FRA, SUI | 1994 | 58'

ITER

Othello Vilgard | FRA | 2020 | 59'

5 JAN | DOM SUN | 17:00 5PM

HISTOIRE(S) DU CINÉMA 1A: TOUTES LES HISTOIRES

Jean-Luc Godard | FRA, SUI | 1989 | 51'

HISTOIRE(S) DU CINÉMA 1B: UNE HISTOIRE SEULE

Jean-Luc Godard | FRA, SUI | 1989 | 42'

12 JAN | DOM SUN | 17:00 5PM

HISTOIRE(S) DU CINÉMA 2A: SEUL LE CINEMA

Jean-Luc Godard | FRA, SUI | 1997 | 27'

HISTOIRE(S) DU CINÉMA 2B: FATALE BEAUTÉ

Jean-Luc Godard | FRA, SUI | 1997 | 28'

HISTOIRE(S) DU CINÉMA 3A: LA MONNAIE DE L'ABSOLU

Jean-Luc Godard | FRA, SUI | 1998 | 27'

HISTOIRE(S) DU CINÉMA 3B: UNE VAGUE NOUVELLE

Jean-Luc Godard | FRA, SUI | 1998 | 27'

19 JAN | DOM SUN | 17:00 5PM

HISTOIRE(S) DU CINÉMA 4A: LE CONTRÔLE DE L'UNIVERS

Jean-Luc Godard | FRA, SUI | 1998 | 28'

HISTOIRE(S) DU CINÉMA 4B: LES SIGNES PARMIS NOUS

Jean-Luc Godard | FRA, SUI | 1998 | 37'

26 JAN | DOM SUN | 17:00 5PM

SPOT OF THE 22ND JI.HLAVA IDFF

Jean-Luc Godard | SUI | 2018 | 1'

LE LIVRE D'IMAGE

Jean-Luc Godard | SUI, FRA | 2018 | 88'

2 FEV FEB | DOM SUN | 17:00 5PM

JE VOUS SALUE SARAJEVO

Jean-Luc Godard | FRA | 1993 | 2'

NOTRE MUSIQUE

Jean-Luc Godard | FRA, SUI | 2004 | 80'

ECCE HOMO / EXCÈS OH MOT!

Jean-Luc Godard | FRA | 2008 | 2'

9 FEV FEB | DOM SUN | 17:00 5PM

UM FILME FALADO

Manoel de Oliveira | POR, FRA, ITA | 2003 | 96'

16 FEV FEB | DOM SUN | 17:00 5PM

FILM SOCIALISME

Jean-Luc Godard | SUI, FRA | 2010 | 102'

RENCONTRE S

Anne Rosset | FRA | 2009 | 22'

23 FEV FEB | DOM SUN | 17:00 5PM

EXPOSÉ DU FILM ANNONCE DU FILM

SCÉNARIO

Jean-Luc Godard, Fabrice Aragno e and
Jean-Paul Battaglia | FRA, JPN | 2024 | 36'

SCÉNARIOS

Jean-Luc Godard, Fabrice Aragno e and
Jean-Paul Battaglia | FRA, JPN | 2024 | 18'

ROLLE: INVENTAIRE

Fabrice Aragno e and Jean-Paul Battaglia | SUI
| 2024 | c. 30'

Todos os filmes serão apresentados na sua língua original e legendados em português. All films will be presented in their original language, with Portuguese subtitles. Por motivos de força maior o programa poderá ser alterado. The programme could be altered due to unforeseen circumstances.

TENDO EM LINHA DE CONTO OS TEMPOS ATUAIS JEAN-LUC GODARD – OBRA PLÁSTICA

Pela primeira vez, apresenta-se o percurso de Jean-Luc Godard enquanto criador de imagens fixas, não de forma exaustiva, mas, pelo menos, abrangente, desde a sua infância até 2022. Grande parte das obras visuais de Godard (pinturas, desenhos, cadernos, imagens digitais), bem como as fotografias de família tiradas por sua mãe, Odile Monod, nunca foram mostradas antes.

O título da exposição, *Tendo em linha de conto os tempos atuais*, provém do plano 15 de *Trailer do filme que nunca existirá "Guerras de Mentira" (2022)*. "Tratava-se de deixar de confiar nos milhares de milhões de ditames do alfabeto, a fim de devolver a liberdade às incessantes metamorfoses e metáforas de uma verdadeira linguagem, regressando aos locais de filmagem do passado, mas tendo em linha de conto os tempos atuais". A sobreposição entre "conto" e "ter em conta" combina fabulação e exatidão, imaginação e descrição, invenção e atenção, em suma, as exigências e os recursos do cinema face ao real.

Desde a década de 1940, Jean-Luc Godard sempre desenhou, pintou e entrelaçou palavras e imagens. Observando o conjunto de pinturas suas que foram encontradas até à data, é impossível deixar de notar a diversidade de estilos experimentados: abstrato, figurativo, retrato, paisagem, geometrismo, *Dança* de perfis que alia as propriedades da centragem e da descentragem... Jean-Luc Godard ocupa-se de tudo sem se deter em nada, pois no *corpus* das suas pinturas disponíveis até à data, nenhuma tela se assemelha a outra. Fazendo uso da dialética entre

imagem e linguagem, algo que viria a caracterizar a sua obra, os conjuntos *Peinture par IAM* [Pintura por IAM] e *Le Cahier du Cimetière marin* [Caderno do Cemitério Marinho] reúnem desenhos e especulações, tomando como referência uma frase do pintor Maurice Denis emblemática da modernidade: "recordar que um quadro, antes de ser um cavalo de guerra (...), é essencialmente uma superfície plana coberta de cores numa ordem determinada". Em adolescente, Jean-Luc Godard situa-se já do lado do formalismo, do materialismo, das alternativas ao ilusionismo mimético, das questões de definição e de um pensamento relacional que, mais tarde, designará por "montagem". O adulto Jean-Luc Godard ironizava, por vezes, acerca dos cineastas cuja vocação associavam à sua primeira infância; aos dezassete anos, com *Cahier du Cimetière marin*, vemo-lo já refletir sobre as diferenças entre a imagem literária e a imagem visual, sobre a relação entre a poesia, a pintura e o cinema, virtualmente presente, escreve, com estes "milhares de imagens" que não são "nenhuma".

O jovem Jean-Luc Godard manifesta assim o seu conhecimento de uma tradição ainda recente na história das artes: a do livro de artista. O carácter provocador de outro caderno da mesma época, *Le Cercle de famille* [O Círculo de família], é prova de uma reivindicação integral de autonomia, tanto a nível psicológico (o panfleto) como material (a produção do caderno segundo o modelo do processo editorial de um livro).

O intervencionismo de Jean-Luc Godard no domínio do livro manifesta-se ainda nos múltiplos enriquecimentos que pratica. É possível distinguir dois tipos. Em primeiro lugar, cobrindo as páginas de livros com

citações de outros autores, como se pode ver nos seus exemplares de *Pensées et opuscules* de Blaise Pascal e de *Mythe de Sisyphe* de Albert Camus, cobertos de citações, por vezes acompanhadas por um desenho ou diagrama. Em segundo lugar, criando uma sobrecapa única para um exemplar industrial, como no caso da magnífica sobrecapa abstrata acrescentada a *Gestes et opinions du Docteur Faustroll, pataphysicien* de Alfred Jarry.

“Estudos”: aprender, investigar, esboçar... Este termo polissêmico resume o construtivismo de Jean-Luc Godard. Para as gerações de crianças em idade escolar, no início de cada ano letivo, era necessário comprar um “caderno para os trabalhos práticos”, que alternava páginas em branco para desenhos e páginas quadriculadas para textos. Jean-Luc Godard chegou ao ponto de brincar com este nome na capa de um “Cahier amoureux” [Caderno amoroso] oferecido a Anne Wiazemsky. No domínio dos trabalhos plásticos, nunca deixaram de se desenvolver a originalidade, a diversidade e o cuidado, trazidos para os cadernos de trabalho de Jean-Luc Godard que, literalmente, são eles próprios obra e, pouco a pouco, se tornam no conjunto da obra. Muitos dos cadernos foram certamente perdidos ou descartados pelo seu autor, mas alguns sobreviveram, correspondendo a cada fase do seu processo criativo: múltiplas versões de guiões, cadernos de filmagem, cadernos de montagem, cadernos de pós-produção, cadernos que acompanham a existência de um filme, como o “Caderno Político” de *O Maoísta*, oferecido a Anne Wiazemsky. Com os cadernos preparatórios de *Paixão* (1982), os de *Eu Vos Saúdo, Maria* (1985) ou os de *Adeus à Linguagem* (2011), as imagens

ocupam um lugar equivalente ao texto, por vezes prevalecendo sobre este, outras substituindo-o completamente. Quando o texto subsiste, revela-se, por um lado, tão ornamental na sua disposição e formas de aparição (manuscrito, colagem, etc.) como as imagens, tornando-se ele próprio uma imagem; por outro lado, obedece muito pouco a um regime narrativo e privilegia as interrogações, as fórmulas, os jogos de palavras, as citações e as meditações - um regime especulativo que expõe diretamente o que está em jogo nos filmes, em vez de passar pela narrativa.

É numa altura de radicalização política de Jean-Luc Godard que o mundo da arte legitima esta prática prodigiosa constituída pelo caderno de trabalho. Em 1967, no número 2 da revista *Opus International*, Alain Jouffroy toma a iniciativa de publicar algumas páginas do caderno de filmagem de *O Maoísta*.

Uma prática paralela atravessa todo o percurso do cineasta, desde *Le Cercle de famille* (década de 1940) até ao último *Test Amen ts* (2022), um caderno de afetos que, em princípio, não se destinava a ser transformado num filme. No entanto, por vezes, o caderno de trabalho e o caderno de afetos confundem-se. Todas estas obras artesanais, a maioria das quais são exemplares únicos, embora algumas tenham sido reproduzidas em dezenas de exemplares para oferecer aos colaboradores dos filmes, constituem também a base para a criação de livros em condições profissionais de edição. Assim, o corpus dos livros publicados por Jean-Luc Godard inscreve-se ainda mais organicamente na obra quando se constata a riqueza inesgotável das ligações tecidas entre palavras e imagens,

ambas tornadas instâncias de plasticidade e de significação.

Na rica história da fusão entre as artes, Jean-Luc Godard traçou, portanto, um percurso singular. Em contraste com a monumental obra de arte total de Richard Wagner, o cineasta francês parte de um regresso construtivista às fontes vivas de uma obra: às suas condições de possibilidade, materiais e ideológicas, aos seus meios, incluindo o húmus de imagens que a fertiliza, aos seus instrumentos técnicos, e àquilo que está em jogo, sobretudo do ponto de vista formal e político. O resultado é uma prática com uma presença crescente: documentar o processo de fabricação ao ponto de fundir a obra e o seu esboço, que já não é um filme como nos seus extraordinários vídeo-ensaios da década de 1980, mas um caderno preparatório. Depois de *O Livro de Imagem*, os filmes confundem-se com o caderno (*Trailer do filme que nunca existirá "Guerras de Mentira"*, 2022), ou giram em torno deles (*Exposé du Film annonce du film Scénario* [Apresentação do trailer do filme *Scénario*], 2024; *Scénarios*, 2024).

Ao lado das pinturas, dos desenhos, dos cadernos e dos blocos de notas, encontramos aquilo a que poderíamos chamar "imagens vitais". Em primeiro lugar, as imagens do quotidiano, originadas das possibilidades oferecidas pelos *smartphones*. No caso particular dos autorretratos, podemos constatar que a inventividade de Jean-Luc Godard nunca esmoreceu. Depois, uma espécie de totem de imagens coladas verticalmente na parede, defronte da mesa onde o cineasta trabalhava todos os dias, que resume, à sua maneira, uma vida dedicada à reflexão sobre as imagens. O "totem" é colocado

sob a égide da fórmula final de *O Diário de um Pároco de Aldeia* (Robert Bresson), "Qu'est-ce que cela fait, tout est grâce" [Que importa? Tudo é graça], que também adorna a contracapa de *Test Amen ts*.

O Livro de Imagem (2018) conclui-se com uma frase do escritor e cineasta Peter Weiss: "E mesmo que nada acabe por acontecer como esperávamos, isso não mudará em nada as nossas esperanças". Retirada do romance antifascista *A Estética da Resistência*, esta frase afirma a convicção inabalável de Jean-Luc Godard nos valores da justiça e nos ideais de emancipação que defendeu ao longo da vida através da imagem e do som. Na exposição, *O Livro de Imagem* é reposicionado num espaço em que a presença dos visitantes se torna sujeito: um poder não só de observação mas também de ação.

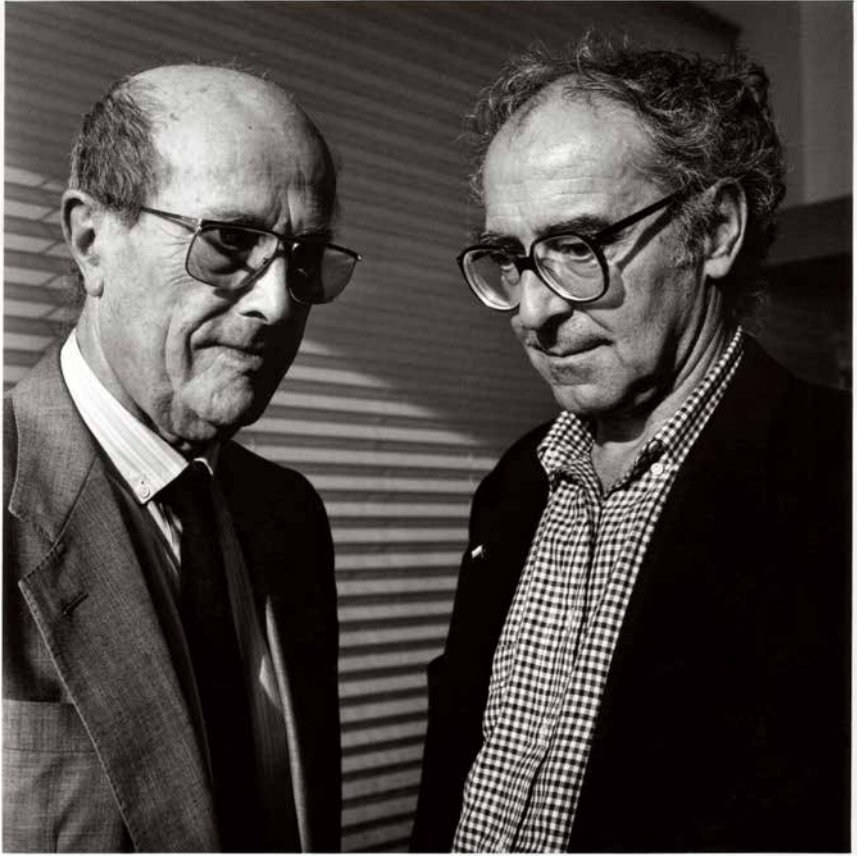
Versado nos românticos alemães, Jean-Luc Godard sempre privilegiou aquilo que estes denominavam "simpoesia", literalmente, "poesia conjunta", "a poesia do conjunto": fosse sob a forma de um movimento (a Nouvelle Vague), de um coletivo (o Grupo Dziga Vertov), ou de diálogos entre duas ou mais pessoas. Na Casa do Cinema Manoel de Oliveira, encontramos irmã, amigos e camaradas que se cruzaram com Jean-Luc Godard em proveito da história das imagens. Por ordem cronológica: Rachel Godard, a irmã mais velha que lhe ensinou a pintar e que se tornou professora de desenho; Henri Langlois, cofundador da Cinémathèque française, que lhe transmitiu a sua visão; o pintor Gérard Fromanger, com quem viveu o período eufórico do Maio de 68 e co-realizou um filme-panfleto; Anne-Marie Miéville, cineasta e escritora cuja rica obra fotográfica continua por descobrir; Henri Traforetti, trabalhador

dos grupos Medvedkine em que o cineasta participou para ensinar cinema, e Camille Violette, a jovem atriz de *France/tour/détour/deux/enfants* (1977), que se tornaram ambos pintores.

Em 1993, Jean-Luc Godard quis encontrar-se com Manoel de Oliveira para uma ampla entrevista publicada no jornal *Libération*, destacada na primeira página de 4 e 5 de setembro. Nela, Manoel de Oliveira pronuncia uma frase que viria a assombrar os filmes de Jean-Luc Godard desde então (*Histoire(s) du cinéma*, 1988-1998, *For Ever Mozart*, 1996): “É disto que gosto em geral no cinema: uma saturação de signos magníficos banhados na luz da sua ausência de explicação.” Em 1998, Manoel de Oliveira dedica um poema a Jean-Luc Godard, *Cão Amarelo*, que termina com estas linhas: “um cinema sem par / chamado Godard”. Estas trocas literárias culminariam num diálogo entre filmes: não poderá *Film Socialisme* (2010) de Jean-Luc Godard ser visto como uma resposta a *Um Filme Falado* (2003) de Manoel de Oliveira?

Com a descoberta da obra de imagens fixas de Jean-Luc Godard, constante e à escala de uma vida, será possível compreender ainda melhor a profundidade, os pontos de apoio, as tradições literárias e plásticas que estruturaram e alimentaram o espírito exigente de experimentação deste homem, graças ao qual toda a sua obra nunca deixou de se renovar e radicalizar para enfrentar os tormentos da história coletiva.

Curadoria do coletivo Ô Contraire! para
a Fondation Jean-Luc Godard



© Richard Dumas

KEEPING TALE OF CURRENT TIMES JEAN-LUC GODARD – VISUAL WORK

For the first time, Jean-Luc Godard's career as a creator of still images is presented, not exhaustively but at least comprehensively, with works ranging from his childhood to the year 2022. Most of Jean-Luc Godard's visual works (paintings, drawings, notebooks, digital images), as well as family photographs taken by his mother Odile Monod, have never before been exhibited.

The title of our exhibition, 'Tenant conte des temps actuels', [Keeping tales of current times] is taken from *Trailer of the Film That Will Never Exist: 'Phony Wars'* (2022). 'It was a question of no longer trusting the billions of diktats of the alphabet and giving back their freedom to the incessant metamorphoses and metaphors of a real language by returning to the locations of past shoots, while taking into account the current times.' The superimposition between *Tenant conte / Tenant compte* (Telling [a tale] / Taking into account) combines notions of fabrication and of accuracy; imagination and description; invention and attention - in short, the requirements and resources of cinema in the face of reality.

Jean-Luc Godard drew, painted, and interwove words and images from the 1940s onwards. Looking back at all the paintings that have been found so far, we cannot help but notice the diversity of styles he experimented with: abstract, figurative, portrait, landscape, geometrism, a veritable *Dance* of profiles combining the properties of centring and decentering... Jean-Luc Godard practised everything without limitation; in the corpus of his

paintings available to date, no canvas resembles any other. Engaging the dialectics between image and language that were to characterise his work, the ensembles *Peinture par IAM* and *Le Cahier du Cimetière marin* bring together drawings and speculative perspective, taking a phrase by the painter Maurice Denis that is emblematic of modernity as a reference: 'remember that a painting, before being a warhorse [...] is essentially a flat surface covered with colours in a certain assembled order.'

From the outset, the adolescent Jean-Luc Godard was on the side of formalism, materialism, alternatives to mimetic illusionism, definitional questions and a relational way of thinking that he would later call 'montage.' The adult Jean-Luc Godard sometimes ironised about filmmakers whose vocation goes back to their early childhood; at the age of 17, in *Cahier du Cimetière marin*, we see him already reflecting on the dissimilarities between the literary image and the visual image, on the relationship between poetry, painting and cinema, virtually present with these 'thousands of images' that are 'none.'

The young Jean-Luc Godard demonstrates his knowledge of a tradition that was still recent in the history of the arts: that of the artist's book. The provocative nature of another notebook from the same period, *Le Cercle de famille*, testifies to a complete demand for autonomy, both psychologically (the pamphlet against his parents) and materially (the production of the notebook is modelled on all the editorial stages of a book).

Jean-Luc Godard's interventions on books can be seen in the many ways in which

he enriches them. This is done in two ways. At times by covering the pages with quotations from other authors, as can be seen on his copy of *Pensées et opuscules* by Blaise Pascal, and on his copy of Albert Camus's *Mythe de Sisyphe*, covered with quotes and sometimes accompanied by a drawing or diagram; at others by creating a unique dust jacket for a mass produced copy, as in the case of the magnificent cover in the abstract style added to Alfred Jarry's *Gestes et opinions du Docteur Faustroll, pataphysicien*.

'Studies': training, investigation, sketches... This polysemous term sums up Jean-Luc Godard's constructivism. For generations of schoolchildren, a 'Cahier de travaux pratiques' (practical notebook) had to be purchased at the start of each school year, alternating blank pages for drawings and lined pages for texts. Jean-Luc Godard went so far as to play with this name on the cover of a 'Cahier amoureux' (Amorous Notebook) given to Anne Wiazemsky. In the field of visual arts, the originality, diversity and care taken with Jean-Luc Godard's preparatory notebooks never ceased to develop. Literally, they are works of art and, little by little, they became the whole of the work itself. While many of these notebooks were certainly lost or discarded by their author, some survived, corresponding to each stage of the creative process: multiple versions of scripts, shooting notebooks, editing notebooks, post-production notebooks, notebooks following the existence of a film, such as the 'political notebook' for *La Chinoise* given to Anne Wiazemsky. In the preparatory notebooks for *Passion* (1982), *Hail Mary* and *Goodbye to Language* ('version 5', 2011), the images are equivalent to the text, sometimes taking precedence over it, sometimes replacing it

altogether. When the text remains, it turns out to be just as ornamental in its layout and forms of appearance as the images (manuscript, collage, etc.), becoming an image in itself; in parallel, it conforms very little to a narrative regime and prioritises questioning, formulas, wordplay, quotations and meditations, a speculative regime that directly exposes the issues at hand in the films rather than moving through the narrative.

It was at the time of Jean-Luc Godard's political radicalisation that art circles were legitimising what would be an extensive practice for him: the notebook. In 1967, in issue 2 of the magazine *Opus International*, Alain Jouffroy took the initiative of publishing a few pages from the shooting notebook for *La Chinoise*.

A parallel practice runs through his entire career, from *Le Cercle de famille* (1940s) to the final *Test Amén ts* (2022): the Cahier affectif (Affective Notebook), which in principle was not intended to become a film. Sometimes, however, the work notebook and the emotional notebook merge. All of these hand-crafted objects, most produced in single copies but some of which were reproduced in dozens of copies and distributed to film collaborators, also formed the basis for the creation of books to be published professionally. In this way, the corpus of books published by Jean-Luc Godard becomes even more organically part of the work, when we see the inexhaustible wealth of links woven between words and images, both of which became as much an instance of visual expression and meaning as the other.

Thus, in the rich history of the fusion of the arts, Jean-Luc Godard charted

a singular course. In contrast to the monumental Wagnerian *Gesamtkunstwerk*, it proceeds from a constructivist return to the living sources of a work: its material and ideological conditions of possibility, its means, including the humus of images that fertilises it, its technical tools, and its stakes, mainly formal and political. The result is a practice with a growing presence: documenting the production process to the point of merging the work and its sketch, which is no longer a film as in the brilliant video essays of the 1980s, but a preparatory notebook. After *The Image Book*, the films merge with the notebook (*Trailer of the Film That Will Never Exist: 'Phony Wars'* (2022)), or revolve around them (*Exposé du Film annonce du film Scénario* [Presentation of the trailer of the film *Scénarios*], 2024; *Scénarios*, 2024).

Alongside the paintings, drawings, sketchbooks and notebooks are what we might call 'vital images.' First, there are the images of everyday life, taken thanks to the possibilities of smartphones. In the particular case of self-portraits, we can see instantly that Jean-Luc Godard's inventiveness never waned. Then, there is a sort of totem pole of images stuck vertically to the wall of his office, just opposite the table where the filmmaker worked every day, which in its own way sums up a life devoted to thinking about images. The 'totem' is inspired by the final line of *Diary of a Country Priest* (Robert Bresson, 1951), 'Qu'est-ce que cela fait, tout est grâce' [What does it matter? All is grace] which also adorns the back cover of *Test Amen ts*.

The Image Book (2018) concludes with a sentence by writer and filmmaker Peter

Weiss: 'And even if nothing turned out as we had hoped, it wouldn't change our hopes in the slightest.' Borrowed from the anti-fascist novel *L'Esthétique de la Résistance*, this phrase affirms Jean-Luc Godard's undiminished conviction in the values of justice and the ideals of emancipation he defended throughout his life through images and sound. In the exhibition, *The Image Book* is redeployed in a spatial setting in which the presence of visitors becomes a subject: a power not just of observation but of action.

Well-read in the German Romantics, Jean-Luc Godard always favoured what they called 'sympoésie', literally 'poetry with', 'poetry together': whether in the form of a movement (the Nouvelle Vague), a collective (the Dziga Vertov Group), or dialogues between two or more people. At the Casa do Cinema Manoel de Oliveira, the sister, friends and allies who crossed paths with Jean-Luc Godard for the benefit of the history of images meet. In chronological order: Rachel Godard, the elder sister who first taught him painting and later became an art teacher; Henri Langlois, co-founder of the Cinémathèque française, who passed on his vision to Godard; the painter Gérard Fromanger, with whom Godard lived through the euphoric period of May 68 and co-directed a film-tract; Anne-Marie Miéville, filmmaker and writer whose rich photographic work remains to be discovered; Henri Traforetti, a worker in the Medvedkine groups who Godard helped teach cinema to, and Camille Virolleaud, the young actress in *France/tour/détour/deux/enfants* (1977), both of whom became painters.

In 1993, Jean-Luc Godard met Manoel de Oliveira for a major interview for

Libération, appearing on the paper's cover on 4-5 September. Manoel de Oliveira uttered a phrase that haunted Godard's films ever since (*Histoire(s) du cinéma*, 1988-1998, *For Ever Mozart*, 1996): 'That's what I like about cinema in general: a saturation of magnificent signs bathed in the light of their lack of explanation.' In 1998, Manoel de Oliveira dedicated a poem to Jean-Luc Godard, *Yellow Dog*, which ends with these lines: 'a peerless cinema / called Godard.' These literary exchanges culminate in a dialogue between films: *Film Socialisme* (2010) by Jean-Luc Godard can be seen as a response to *Um Filme Falado* (2003) by Manoel de Oliveira.

The discovery of Jean-Luc Godard's constant, lifelong work with still images should give us an even better grasp of the depth, the foundations, and the literary and visual traditions that structured and nourished his demanding spirit of experimentation through which his entire oeuvre was constantly renewed and grew more radical in seeking to confront the torments of collective history.

Curatorship by Collectif Ô Contraire! for
Fondation Jean-Luc Godard

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias. Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h – 13h e 14h30 – 17h)

Minimum two-week advance booking is required. For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 am – 1 pm and 2:30 pm – 5 pm)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt
Tel. (linha direta direct line): 226 156 500
Tel: 226 156 546

Chamadas para a rede fixa nacional. Calls to the national landline network.
Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A reference in the field of design, where you can purchase a souvenir as a reminder of your visit.

loja.online@serralves.pt
www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

No Bar do Auditório de Serralves pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após a visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS INFORMATION AND OPENING HOURS

www.serralves.pt/visitar-serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt


Linha geral General lines:


(+351) 808 200 543


(+351) 226 156 500


Chamadas para a rede fixa nacional.
Calls to the national landline network.

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Apoio Institucional
Institutional Support



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

SERRALVES
CASA DO CINEMA MANOEL DE OLIVEIRA

NOV 2024